

# O RENASCER VIANENSE

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA VIANENSE DE LETRAS

ANO IX Nº 33 VIANA-MA, AGOSTO DE 2011



VIANA  
254  
ANOS  
DE  
MEMÓRIA

## Editorial

### VALORIZAÇÃO DO FOLCLORE VIANENSE

A Baixada Maranhense, talvez pelo isolamento em que viveu por muitos anos, ainda mantém viva uma série de manifestações folclóricas com a autenticidade original.

Essas vibrações culturais foram pesquisadas, há muito tempo, por dois ilustres vianenses da mesma família: Celso Magalhães e Antônio Lopes, tio e sobrinho, cujos estudos sobre folclore espalharam-se por todo o Brasil. Da leitura dos trabalhos divulgados por esses estudiosos constata-se que o laboratório de pesquisa foi a cidade de Viana.

Astolfo Serra, vianense notável, autor de várias obras, também merece ser lembrado pela divulgação da cultura popular, cujos dados foram reunidos no volume *Terra encantada e rica*.

Outra grande personalidade vianense que se dedicou ao estudo do folclore foi a cantora e compositora Dilú Mello. Suas músicas estão impregnadas dessa força telúrica que é a cultura popular, tão bem expressa em canções como *Redinha de algodão*, *Coco babaçu*, *Os dez mandamentos do sanfoneiro*, *Meu Cariri*, *Qual o valor da sanfona?* etc.

Poderíamos fazer uma longa galeria de nomes de vianenses que contribuíram para a conservação das nossas tradições folclóricas, incluindo os tradicionais fazendeiros de bois (Catarino de Sá, Josias Carreiro, Faustina Careca, Palestra, Narciso, e muitos outros). Anica Ramos, no teatro e nos reisados, prestou inolvidável contribuição à cultura vianense.

Hoje temos ainda com destaque os bailes de São Gonçalo, uma manifestação autêntica da Baixada, pois os "Cordões de São Gonçalo" que existem em outros municípios não têm a coreografia nem o ritual dos nossos bailes. Neste ponto, temos uma série de guias que podíamos lembrar aqui e que constam no livro de Lourival Serejo dedicado a esse tipo de cultura. Não custa lembrar os nomes de Firmino Tinga, que por muitos anos, foi o principal guia vianense. Merece também lembrar Marcelina Lobato, Valentin Andrade e Messias Azevedo.

A velha Macuta por muitos anos liderou as caixas do Divino Espírito Santo, espalhando pela cidade seus ritmos e suas preces de casa em casa, com os coloridos das bandeiras e das saias largas de suas caixas.

Recentemente, o acadêmico Américo Azevedo publicou um livro sobre festas juninas (*Festa, fogos, fogueira e fé*), no qual faz esta observação importante: "Outro dia desses, indo a Viana, eu vi um Bumba-meu-boi autêntico. Ninguém apresentava nem representava. Todos brincavam. Eu então revi a festa antiga. Revi a alegria que eu já não acreditava mais ser possível encontrar pura. Nessa noite eu vi a alegria intacta."

É por essa autenticidade que precisamos lutar, para que nossas danças folclóricas não sejam influenciadas pelo exagero do artificialismo que não faz parte da nossa tradição.

Agora temos uma Casa de Cultura. Esperamos que nossas tradições folclóricas sejam incentivadas e apoiadas pelos poderes públicos. E o que é mais importante: com a participação da sociedade.

Folclore é cultura e história. Vamos contribuir para sua conservação.

## CASA E COMÉRCIO DO BETRONE

LUIZ ALEXANDRE



**R**esidência e ponto comercial dos mais antigos da cidade, este prédio situado na confluência das ruas Castro Maia e Dom Hamleto de Angelis guarda muitas histórias interessantes.

No passado, quando ainda existia a Igreja de São Sebastião (espaço hoje ocupado pelo Centro de Ensino N. S. da Conceição), o local atraía muitos fregueses, principalmente no mês de janeiro, quando se realizava a tradicional festa do santo mártir do catolicismo. Nessa época, comércio e bar funcionavam ali simultaneamente.

No século passado, vários comerciantes ocuparam o prédio, destacando-se entre eles Daniel Gomes, Seu Mano e o cunhado Raimundo Xandico, Gentil Aragão, João Rodrigues (João de Perolina) e Juarez Mendonça Cutrim (Vavá). Durante o período da gestão de Gentil Aragão, para evitar conflitos entre os fregueses, foi construída uma choupana no terreno contíguo

ao prédio para venda exclusiva de bebidas alcoólicas. O local ficaria popularmente conhecido como "Buraco do Tatu" e era muito procurado principalmente no período carnavalesco.

Outra particularidade interessante é que, ao contrário da maioria das construções com finalidade de abrigar conjuntamente residência e comércio de uma mesma família, este prédio normalmente fugia à regra, ou seja, a residência na parte lateral era ocupada por famílias que não tinham nenhum parentesco com o comerciante ali instalado. Dessa maneira, enquanto o comércio passava por diversas mãos, a residência igualmente era ocupada por outras tantas famílias, entre as quais pode-se citar: Dudu e Antônio Furtado, Graco do Amaral, o lendário Zé Gato, Seu Dutra e Raimundo Nonato Mendes (Bico Branco).

Entretanto, o fato mais marcante na história deste imóvel deu-se por ocasião do assassi-

nato do delegado José Campelo, ocorrido em 29/11/1957. O crime foi em represália à morte de Pedro Cigano, famoso por suas bravatas que marcaram a pacata sociedade local da época. Para vingar o companheiro morto, alguns ciganos ficaram de tocaia embaixo do assoalho do prédio que era vizinho à morada do então delegado de Viana.

Pertencente ao Sr. Antonio Mariano Vieira da Silva, o imóvel foi adquirido de seus herdeiros, em 1973, pelo comerciante Betrone Rodrigues Oliveira que desde então reside ali com a família e mantém seu comércio no mesmo local.

De arquitetura colonial, o prédio sofreu algumas interferências que contrastam com sua fisionomia original, como o aumento na altura das portas do comércio para colocação de portas de ferro (além das molduras que foram modificadas) e transformação de duas janelas laterais em mais duas portas.

## A beleza do nosso folclore em destaque

LUIZ ALEXANDRE

O folclore local é o tema de uma exposição, na Casa da Cultura, que estará aberta ao público a partir da 2ª quinzena do corrente mês. A abertura da exposição, programada para o dia 13 (sábado), às 20 hs, contará com apresentações de grupos de Tambor de Crioula e Tambor de Mina, organizados por José Antonio Carvalho.

Como agosto tornou-se o mês dedicado à cultura popular brasileira desde a oficialização do dia 22 como "dia do folclore", a exposição exhibe objetos, instrumentos, trajes e adereços típicos das principais manifestações folclóricas vianenses, como o Baile de São Gonçalo, o Bumba-boi, Tambor de Crioula, Festa do



Divino Espírito Santo etc.

A mostra é uma iniciativa da AVL com o apoio do

Governo do Estado, através da Secretaria de Estado da Cultura (SECMA).



## Marina, Macuta e Faustina, três mulheres e suas prendas

Lourival Serejo

Todos os vianenses da minha geração admiravam aquelas mulheres pelo que faziam e vendiam. Cada uma tinha um segredo que se expressava nos produtos que ofereciam aos clientes. Não importava o dinheiro gasto, mas a satisfação que obtínhamos com o consumo das suas comedorias.

Temos muitos exemplos de mulheres dignas de elogios em nossa galeria de vianenses ilustres. A Academia Vianense de Letras está repleta de figuras femininas que se destacaram por seus talentos. Mas as três mulheres de que lembro nesta crônica destacaram-se por outras atividades, não menos importantes do que os trabalhos de outras mulheres.

Marina era alegre, risonha, tinha um riso zoadeiro, de quem zombava da vida e mostrava-se feliz. Quem não gostava do mingau de Marina? Só quem nunca o tomou. Ela misturava sua simpatia naquela panela de mingau. E ainda tinha o orgulho de ser mãe de dois atletas da nossa seleção: Coquinho e Zé Melo.

Macuta era silenciosa e taciturna, diferente das outras, que eram expansivas e risonhas. A alegria de Macuta era vista apenas quando ela tocava caixa na festa do Divino. Com roupas coloridas e no meio de suas amigas, ela se expandia e gritava pelo toque do tambor. Outra maneira peculiar de a sua personalidade recôndita expressar-se era nas cores do papel de seda com que ela vestia suas pastilhas de hortelã, no meio do seu tabuleiro. Era naquele tabuleiro de doces que Macuta prendia as crianças e servia à comunidade.

Faustina, gorda, duas vezes redonda, acordava cedo e corria para a praia com seu caldeirão de arroz na cabeça. Em volta dela, aglomeravam-se os fregueses famintos para comer aquele arroz de toucinho, enquanto o peixe demorava chegar. Tinha gente que comia mais de um prato e ainda lambia os beijos.

Essas três mulheres mereciam ser condecoradas pelos serviços que prestaram ao povo de Viana, servindo mingau, arroz de toucinho e pastilhas de hortelã. No tabuleiro de Macuta cabia todos aqueles doces variados. E hoje, quando a gente se lembra, ainda acrescenta os fios de ouro das nossas lembranças, todos enfiados ali por dentro, como se quiséssemos sentir o gosto daqueles bolos secos, dos suspiros e das pastilhas da velha Macuta.

Por onde andas, Macuta, com teu tabuleiro de doces? E tu, Marina, agora que preciso tanto do teu mingau, assim como preciso da sustança do arroz de Faustina, por onde andam vocês vendendo suas prendas? Vejam, agora que minhas calças curtas cresceram, tenho alguns trocados no bolso para gastar com aquelas iguarias. Tenho procurado vocês pelo canto de Walber, pela praia, pelos largos e pelos serenos das festas, mas só encontro a lembrança de cada uma e a constatação do quanto vocês foram importantes para todos nós.

# EXPOSIÇÃO EM PORTUGAL

FOTOS: REPRODUÇÃO



Cenários de São

Luís e Viana

antiga inspiraram

o artista para a

exposição na

Europa



A exposição do artista plástico Raimundo Botelho em Viana do Castelo (Portugal), inicialmente programada para este mês (conforme divulgado na última edição do Renascer), foi transferida para o próximo mês de outubro.

A mostra, que será aberta ao

público na manhã do dia 15 e se estenderá até 30 de outubro, acontecerá no salão de exposições da Câmara Municipal de Viana do Castelo. Ao todo serão 30 quadros, pintados por Botelho, para a exposição em terras portuguesas. Os trabalhos retratam paisagens

de nossa Viana e de São Luís, patrimônio da humanidade.

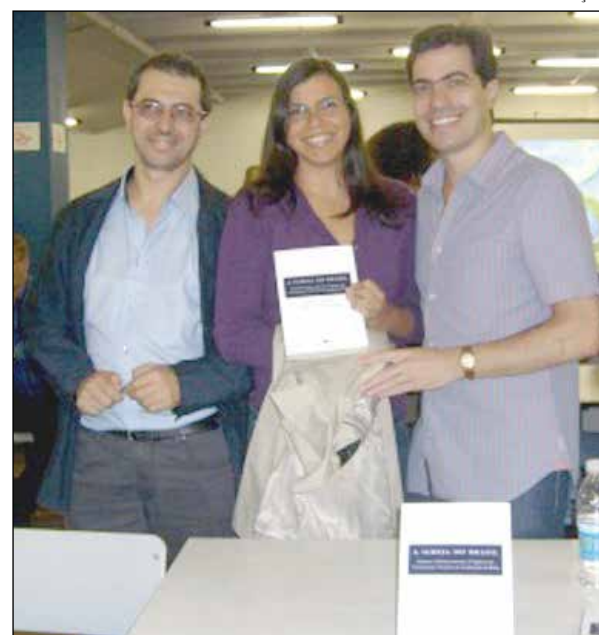
Capitaneados pela Secretária de Estado Adjunta da Cultura, Marlilde Mendonça, um pequeno grupo de conterrâneos do artista deverá se fazer presente à solenidade de abertura.

## Acadêmica publica estudos em obra conjunta

Lançado em São Paulo, no dia 21 de julho, o livro *A Igreja no Brasil: Normas e Práticas durante a Vigência das Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*.

A obra é uma coletânea de renomados especialistas nacionais e estrangeiros que constitui um marco na renovação dos estudos de história religiosa em nosso país. Os estudos reunidos neste volume versam sobre a Igreja, o modo como desenvolveu as estruturas de enquadramento religioso, concentrando-se também sobre a maneira como seus agentes e fiéis viveram sua fé ou tentaram adaptar suas práticas ao prescrito no período colonial.

A historiadora vianense e membro da AVL, Pollyanna Gouveia Mendonça, escreveu o capítulo intitulado "O tribunal episcopal do bispado do Maranhão: dinâmica processual e jurisdição eclesiástica no século XVIII".



Pollyanna Mendonça entre os organizadores da obra Evergton Sales e Bruno Feitler

ARQUIVO



Dilú tocando seu instrumento preferido e recebendo a faixa de Rainha do Acordeom

## Dilú Mello em exposição

Fazendo parte do calendário de eventos programados para reverenciar o centenário de nascimento de Dilú Mello, comemorado neste ano de 2011, uma mostra fotográfica sobre a carreira desta célebre artista encontra-se atualmente em exposição na Casa da Cultura de Viana. As fotos, distribuídas em 21 painéis, exibem diferentes estágios da vida da musicista vianense que obteve reconhecimento nacional e internacional nas décadas de 40, 50 e 60 do século passado.

Patrocinada pelo Governo do Estado, através da Secretaria de Cultura, a mostra ficará em cartaz até o final do ano. Vale a pena conferir o quanto esta nossa conterrânea foi importante para a cultura brasileira.



# Maria do Socorro Sousa Cutrim e José Raimundo Santos tomam posse na AVL em noite festiva



Aspecto da cerimônia

A professora Maria do Socorro Sousa Cutrim e o engenheiro agrônomo José Raimundo Santos tornaram-se membros da AVL, na noite do último 21 de maio, em cerimônia prestigiada por significativo público, onde se destacavam os familiares e amigos dos dois novos acadêmicos.

A posse conjunta, realizada na Catedral de N. S. da Conceição, foi presidida pelo jornalista Luiz Alexandre Raposo e contou com a participação de representantes da coletividade vianense como o Sr. José Soeiro, os professores Izaura Lopes e Marcone Veloso, o padre Gilberto Rocha, o vereador Ismael

Abreu e o empresário Heitor Pereira, os quais tomaram parte da mesa solene.

Maria do Socorro Sousa Cutrim, mais conhecida como "Socorro Serejo" passou a ocupar a cadeira de nº 30, patroneada pela professora Zeila Cunha Lauletta; enquanto José Raimundo Santos substituiu o falecido padre Eider Silva ao tomar assento na cadeira de nº 2, patroneada pela competente professora Edith Nair Furtado da Silva.

Coube aos acadêmicos Joaquim de Oliveira Gomes e Pedro Mendengo Filho a incumbência da saudação aos novos confrades. O primeiro saudou a titular da cadeira nº 30 e o segundo deu as boas

vindas ao novo ocupante da cadeira nº 2. Em ambas as saudações, os oradores destacaram os currículos e exaltaram os méritos dos dois novos imortais vianenses.

A cerimônia encerrou-se com um recital apresentado pelos professores da Escola de Música do Estado Lilah Lisboa. Acompanhado pelos músicos Domingos Santos e Raimundo Luís Ribeiro, o cantor Simão Pedro Amaral interpretou canções famosas da MPB, além da clássica Ave Maria de Gonoud. Em reverência ao centenário de nascimento de Dilú Mello, o concertista interpretou também três composições da musicista vianense.



Os dois novos acadêmicos quando proferiam seus discursos



O terceto que apresentou o recital de música



Mª do Socorro Sousa Cutrim e José Raimundo Santos posam com seus pares

## José Raimundo Santos

nasceu em 25/11/1951 no povoado vianense do Pirai, sendo o 4º dos sete filhos do casal Serafim Santos, e Maria da Páscoa Silva. As primeiras letras lhe foram ensinadas na Escolinha do Pirai, sob a regência da professora Doracy Silva.

Em 1960, aos nove anos de idade foi mandado para a sede do município, a fim de continuar os estudos fundamentais. Depois de passar pela extinta Escola Municipal São Benedito da Barreirinha foi transferido para a também extinta Escola Paroquial Dom José Delgado, onde estudou as três últimas séries do antigo primário.

Em 1967, ingressou no antigo Ginásio Professor Antonio Lopes, concluindo o curso quatro anos depois. Em 1971, iniciou o 2º grau no Liceu Maranhense, em São Luís. Após cursar até o 5º período de Engenharia Elétrica na UFMA, submeteu-se a outro vestibular, em 1982, na UEMA, para o curso de Engenharia Agrônômica, graduando-se em dezembro de 1991.

Ingressou na Polícia Militar do Maranhão, onde alcançou o posto de Primeiro-Tenente do Quadro de Oficiais de Administração. Em 2006, já aposentado, engajou-se nos movimentos sociais em prol de sua cidade natal, Viana, através da Fundação Conceição do Maracu, sendo eleito o 1º presidente da entidade.

\* \* \*

Filha de Nozor Sousa e Izabel Serejo Sousa, **Maria do Socorro Sousa Cutrim** nasceu em Viana no dia 19/9/1936. Fez o curso primário no Grupo Escolar Estevam Carvalho, concluído em 1948. Como ainda não havia o curso ginasial na cidade, seus pais a encaminharam a São Luís, onde se tornaria aluna do extinto Colégio Zoé Cerveira para, posteriormente, ingressar no curso de magistério do Instituto Educacional Normal, atual Liceu Maranhense.

Concluído o antigo curso Normal em 1956, a jovem professora regressou a sua cidade de origem, para logo iniciar-se na profissão ministrando aulas particulares. Dois anos depois foi nomeada para lecionar no Estevam Carvalho, chegando a dirigir a referida escola entre 1965 a 1981. Ao todo, foram 28 anos de serviços prestados à educação vianense.

Nesse ínterim, em busca de maior aprimoramento na profissão fez o curso de Pedagogia (1980/1982), especialização em Administração Escolar, pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. Também participou de seminários, encontros temáticos e cursos diversos.

A jornada da professora Maria do Socorro Sousa Cutrim, em Viana, inclui ainda atuações na extinta Escola Paroquial, Ginásio Professor Antônio Lopes e Centro de Ensino de 2º Grau N. S. da Conceição, lecionando as disciplinas de Educação Artística, História Geral e do Brasil e OSPB.



# A FOLCLORISTA

## Centenário de nascimento de uma artista

Luiz Alexandre Raposo

Em 1965, quando o Congresso Nacional oficializou o dia 22 de agosto como “dia do folclore” propositadamente encerrava-se, nessa mesma data, o 3º Festival Folclórico de Brasília, o qual reunia grupos de danças típicas representativas de cada Estado da Federação. Para organizar e coordenar o importante evento cultural, a Prefeitura do Distrito Federal requisitou Dilú Mello, artista que havia conquistado o reconhecimento público pela dedicação à pesquisa e divulgação da cultura brasileira.

Um mês depois, em carta oficial endereçada a Dilú (datada de 16/9/1965), o então diretor do Departamento de Turismo e Recreação do Distrito Federal, Júlio Dias de Queiroz, confirmava o sucesso do evento e agradecia à artista *...pela valiosa colaboração prestada por Vossa Senhoria durante a realização do III Festival Folclórico de Brasília, realizado nesta capital de 18 a 22 de agosto próximo passado, concorrendo com sua presença, dedicação e experiência para o brilhantismo e êxito com que a realização se revestiu.*

### Folclorista por paixão –

De fato, tratando-se de música e cultura regionais naqueles idos, ninguém conhecia e entendia tanto do assunto como Dilú Mello. Afinal, ela havia abandonado sua formação clássica para dedicar-se exclusivamente à música regional, valorizando suas raízes e divulgando o folclore brasileiro. E isso a distinguia das demais artistas de sua época, voltadas quase que exclusivamente para os shows, gravações e venda de discos.

Nos idos dos anos 40 do século passado, a então famosa Revista Carioca atestava: *... Não se poderia negar a Dilú Mello o primeiro lugar entre os bandeirantes do nosso folclore musical. Nas canções que ela interpreta como ninguém, encontramos retalhos maravilhosos da terra sem fim que é o Brasil. O rio-mar dos bôtos e águas-pés, Belém das festas de Nazaré, a terra de Iracema e sua legenda de sol e heroísmo, Recife das pontes e cantigas, Bahia das igrejas e das lendas, os pinheirais e os pampas... de tudo nos fala o tesouro de canções recolhidas por Dilú Mello em todo o Brasil.*

### O auge do sucesso –

Era essa a maneira de ser sertaneja, numa época em que a poesia e o lirismo dominavam o gosto popular. Bem distante, portanto, do que hoje em dia se rotula de “música sertaneja”, onde tapas, beijos, infidelidades e toda sorte de apelações tomaram o lugar dos sentimentos mais puros e elevados. Assim o foi nas décadas de 30, 40 e até a metade dos anos 50, quando Dilú com sua sanfona desbravava todo este imenso Brasil para levar de uma região a outra o que havia de mais puro, genuíno e belo da alma brasileira, apartada pelas distâncias de então. Daí o grande mérito e os aplausos eloquentes do povo por onde ela passava.

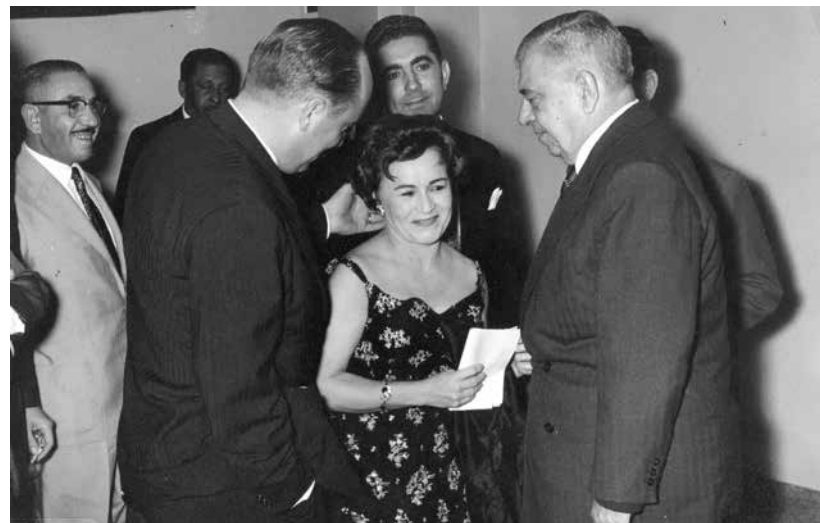
Quase no final daquela década de 40, o jornalista Lourival Marques afirmava na mesma Revista Carioca: *Sentimos, neste momento, que Dilú Mello está no apogeu. Um público imenso aplaude a sua apresentação e um record de correspondência entre as*



cantoras (correspondência não somente do Rio, mas de quase todos os Estados) atesta a sua popularidade em todo o país. A vitória da música folclorista do Brasil é a sua própria vitória.

**Show em Viana –** Foi durante esse período de maior popularidade que a artista visitou sua terra natal, quando se apresentou para centenas de pessoas que lotaram a praça da Prefeitura. Era o dia 20 de setembro de 1949. Acompanhada pela então famosa orquestra “Jazz Vianense” ou tocando o inseparável acordeom, Dilú cantou e encantou seus conterrâneos, arrancando longos aplausos após cada número interpretado.

Vale a pena transcrever um pequeno trecho da extensa matéria publicada pelo jornal “Diário de São Luiz”, edição do dia 25/09 daquele ano: *...o ponto culminante do show foi quando a nossa magnífica folclorista cantou a valsa “Eu quero rever”, na qual ela relembra seus tempos de infância passados na cidade. O público emocionado fazia cântico com a cantora conterrânea. E debaixo de um céu magnífico, um*



22/08/1965 – Oficialização do “dia do folclore” pelo Congresso Nacional. Na foto, Dilú recebendo os cumprimentos das lideranças políticas da época pela coordenação do Festival do Folclore de Brasília.



No rádio e na TV, Dilú divulgava danças e músicas folclóricas.

### Principais homenagens

- Medalha de Ouro concedida pela ONU (como a artista mais culta do Brasil), Paris, 1962
- Título de cidadã honorária da cidade gaúcha de Rio Pardo, 1962
- Diploma de Diretora de Orquestra e Professora de Canto pela Ordem dos Músicos do Brasil, 1963
- Medalha Roquete Pinto, Rio de Janeiro, 1977
- Eleição e posse na Academia de Letras do Rio de Janeiro, 1978
- Tema de samba-enredo da Escola Favela do Samba, São Luís, carnaval 1983;
- Inauguração Concha Acústica Dilú Mello, São Luís, 1984



# A DILU MELLO

## Artista que valorizou a cultura popular

FOTOS: ARQUIVO



**Matéria da Revista Carioca no final da década de 30**



**as e manifestações folclóricas do país**

### agens a Dilú Mello

- Título de cidadã da cidade do Rio de Janeiro, 1991;
- Tema de Literatura de Cordel, Rio de Janeiro, 1994;
- Depoimento gravado ao Museu da Imagem e do Som, Rio de Janeiro, como personalidade da Música Brasileira, 1995
- Título de cidadã de São Luís, 1998
- Reinauguração do Parque Folclórico Dilú Mello, Viana, 1998
- Tema de samba-enredo da Escola Turma da Mangueira, São Luís, carnaval 2003
- Inauguração Unidade de Ensino Dilú Mello, bairro Cidade Olímpica, São Luís, 2007

céu perfeitamente brasileiro, com milhares de estrelas que refulgiam no infinito, sob aclamações ruidosas, Dilú deixou o palco, sendo abraçada pelo povo que a veio cumprimentar efuzivamente. À noite, no Grupo Escolar, um magnífico baile foi oferecido a Dilú, fechando o programa das manifestações do dia.

**Nuvens cinzentas no horizonte** – Dilú teve a sorte de nascer e desenvolver sua arte antes que os ventos corrompedores do progresso chegassem. Não demoraria muito para que as ondas sonoras fossem abaladas, em nosso país, pelos efeitos devastadores da revolução industrial. O progresso não vinha de graça. Trazia em sua esteira mudanças de costumes que atropelavam tradições e influenciavam o cidadão em sua maneira de ver e de se comportar no Mundo. A cultura popular teria que pagar um preço muito alto pelo advento das inovações tecnológicas.

Veio então a música estrangeira, apareceram o rock'n roll, o iê-iê-iê e o movimento da Jovem Guarda. Nem mesmo a

tão decantada bossa nova lhe interessara, pois continuava fiel ao seu ideal de trabalho. Dilú se negava a fazer "arte consumista". Não aceitava compor o produto apenas por ser de fácil consumo, por mais vantajoso e atraente que pudesse parecer.

Foi uma época difícil no Brasil para a música produzida por Dilú. O público era outro, bem diferente daquele do início de sua carreira. Ela então intensificou as viagens e temporadas de apresentações pela América Latina, visitando países ainda não inteiramente contaminados pelo vírus da cultura norte-americana. Foi nesse período que ela pesquisou e aprofundou seus estudos sobre o folclore de todo o continente sul-americano. Mas sempre voltava, pois o Brasil era sua terra. Sua pátria amada.

No começo dos anos 60, outra revista fluminense estampava uma galeria de grandes nomes do cenário artístico nacional que fizeram fama e fortuna com o acordeom. Entre artistas como Sivuca e Luiz Gonzaga aparecia a foto e o nome de Dilú com um quase lamento: ...Dilú é uma das batalhadoras pelo folclore. Batalha inglória, aliás, porque hoje em dia o negócio é mesmo versão, bolero, fox alemão... Mas a Dilú não se incomoda e vai prosseguindo com os "Sapos Cururus" e outros espécimes folclóricos.

Já nos anos 80, em entrevista concedida à Revista Nacional, a própria Dilú dava seu testemunho ao recordar os bons tempos: Tive muita sorte, não sei se por carisma, simplicidade ou o gênero que abracei: o folclore. Recolhi, harmonizei e interpretei, ao seu

natural, as canções do povo, a dor da terra, a terra molhada, a terra seca, a folha seca caída no chão, o riacho.

Andei de carro de boi e até 18 léguas a cavalo, do Crato a outra cidadezinha do interior do Ceará, para cantar e tocar em um núcleo pequeno com 500 pessoas, gente pobre e humilde. Alguns colegas diziam que eu era artista do interior. Quase não parava na Rádio Nacional, no Rio de Janeiro. Vivía viajando pelos mais distantes rincões deste imenso Brasil.

**Legado cultural** – Ao falecer em abril de 2000, a vianense Dilú Mello deixou um legado à MPB de mais de 100 composições que reproduzem um vivo e colorido painel cultural do Brasil daqueles tempos e fazem dela a 2ª compositora do país com maior número de músicas gravadas, perdendo apenas para a carioca Chiquinha Gonzaga.

Em matéria reproduzida pelo Jornal Pequeno de 15/08/2003, o jornalista carioca Odilon Martins Fonseca assim se expressava ao referir-se à lacuna que Dilú Mello deixou no meio cultural brasileiro: Num país que se esmera na adoção de toda espécie de modas, comportamentos e estrangeirismos, por mais "bocós" que sejam, que assume ritmos e estilos musicais de outras plagas em detrimento dos nossos e onde as escolas públicas de algumas regiões já estão incentivando as crianças a comemorarem o Halloween (o dia das bruxas), festa tipicamente norte-americana, que falta que faz nos bastiões de nossas defesas culturais uma personalidade da estatura de uma Dilú Mello!

LUIZ ALEXANDRE



**Parque Folclórico Dilú Mello: homenagem justa a uma vianense que dedicou sua vida à pesquisa e divulgação do folclore brasileiro**



# SEU NUNES, UM SAXOFONE QUE SE CALA

Lourival Serejo

A notícia da morte de Seu Nunes, ocorrida em Brasília, deixou a comunidade vianense de luto, num silêncio noturno das madrugadas, com os ouvidos atentos para captarem os sons de um saxofone que sabia tão bem acalantar os sentimentos alheios.

Seu Nunes não era somente um músico; era um maestro que ensinou a várias gerações de vianenses o segredo e a harmonia das notas musicais. Ele não era, também, só maestro; era compositor. Nessa qualidade, compôs muitas canções – dobrados, valsas etc – no estilo e em cumprimento à tradição da música da nossa terra.

Tive o cuidado de coligar, com a ajuda dele, todas as suas composições, hoje encadernadas em dois volumes. Quando aparecer outro João Mohana para reunir a música dispersa do Maranhão, já encontrará esse trabalho pronto, no Centro de Estudo e Pesquisa Isabel Serejo, que mantenho lá em Viana.

Viana foi conhecida, por muito tempo, como “A cidade dos músicos”, pela quantidade de músicos que aqui havia, a ponto de exportar para todo o estado. Para lembrar alguns nomes de maestros e compositores daquela cidade, cito Raimundo Nogueira, Miguel Dias, Onofre Fernandes, Raimundo Lima, Themístocles Lima e José Piteira. Era muito comum ouvir-se por todos os lados da cidade os sons de instrumentos de jovens que estavam executando suas lições. As ruas de Viana se enchiam de notas musicais, que eram levadas pelo vento para sacudirem as águas do lago.

Na banda da Polícia Militar, na banda do 24º BC, em qualquer banda de São Luís, sempre havia dois ou mais vianenses. Quem não se lembra de Zé Hemetério e seu violino? E do



maestro Tomás? Em Brasília, por muitos anos, fez muito sucesso a Banda do Sol, de Zuza Rodrigues, parente e conterrâneo de Seu Nunes.

Quase todas as famílias vianenses contavam com um ou mais músicos. Para os jovens sem perspectiva de estudo ou de trabalho, aprender o ofício de músico era uma opção fácil de adesão, pois havia muitos mestres à disposição dos alunos. Chegamos a ter três bandas completas na cidade, sendo uma delas pertencente a Ozias Mendonça, pai de Seu Nunes e de outros filhos que faziam parte do grupo, dentre eles o desembargador aposentado Ozias Mendonça.

Essas bandas eram dirigidas por maestros e compositores, muitos dos quais foram descobertos e tiveram salvadas suas composições do esquecimento pela dedicação de João Mohana, as quais se encontram relacionadas no livro *A grande música do*

Maranhão. Todas essas composições se encontram, hoje, bem guardadas no Arquivo Público do Estado.

A identificação de Seu Nunes com seu instrumento era tão grande que ao encontrá-lo hesitava-se em definir se ali estava o músico ou o próprio saxofone. Parece exagero esse sentimento, que ocorria por força da associação. Não se podia ver um sem lembrar o outro: Seu Nunes e o saxofone, o saxofone e Seu Nunes.

O desaparecimento de Raimundo José Nunes Mendonça, conhecido por Seu Nunes, aos 91 anos de idade, tem a significação da perda de alguém que testemunhou e contribuiu para o engrandecimento e respeito da música vianense.

Com a morte de Seu Nunes, não é só um saxofone que se cala, mas um capítulo da nossa cultura musical que se fecha, deixando os sons de um instrumento que muitas alegrias proporcionou

**RAIMUNDO JOSÉ  
NUNES MENDONÇA  
(SEU NUNES)**

★ Viana: 14/07/1920  
† Brasília: 04/07/2011

**AVL perde mais um dos seus  
18 membros fundadores**

Depois do padre Eider Furtado Silva, do General Oswaldo Pereira Gomes e do professor Kalil Mohana, a Academia Vianense de Letras perdeu mais um de seus membros fundadores. Desta vez foi o músico e maestro Raimundo José Nunes Mendonça, popularmente conhecido como Seu Nunes, que faleceu em Brasília no último dia 4 de julho, dez dias antes de completar 91 anos de idade.

Radicado com a família no Distrito Federal desde a década de 70, Seu Nunes nunca deixou que se afrouxassem os laços com a terra que o viu nascer. Periodicamente visitava sua cidade, onde permanecia por meses seguidos. Em todas essas temporadas não perdia a oportunidade de participar de serestas, aniversários e pequenos saraus dançantes, quando convidado. Sempre acompanhado do eterno saxofone, sabia encantar as pessoas com sons melódiosos que satisfaziam os ouvidos mais exigentes.

A música vianense, portanto, que já estava de luto pela perda recente do também músico José Antônio Costa, perde agora um dos ícones mais representativos de sua história. Instrumentista, maestro e compositor, Seu Nunes iniciou a carreira profissional pelas mãos de grandes mestres, quando Viana ainda respirava notas musicais emanadas pelos quatro cantos da cidade. Toda sua vida foi dedicada à música. Quando não estava tocando ou dirigindo alguma banda ou orquestra, ocupava seu tempo compondo ou dando aulas para jovens iniciantes.

Seu Nunes nos deixou um repertório de quase 100 composições. Sua musicografia inclui valsas, marchinhas, dobrados, boleros e até o hino da Academia Vianense de Letras, composto em 2004. Por decisão dos filhos, todo esse acervo musical será doado a esta agremiação cultural.

Raimundo José Nunes Mendonça deixou viúva a Sra. Maria José Penha Mendonça (D. Zézé) com quem era casado há mais de 50 anos. Além dos nove filhos, sua descendência atualmente é composta por 26 netos e oito bisnetos.

Na AVL, Seu Nunes ocupava a Cadeira nº 17, cujo patrono era o igualmente maestro Onofre Fernandes.

## POSTO LUIZA IV

A empresa J.H.H.Nicolau de José Henrique Nicolau proprietário do POSTO LUIZA III, localizado na Rodovia MA 014, bairro Vinagre, em Viana, está ampliando seu atendimento ao público consumidor, através da construção do POSTO LUIZA VI.

Situado no Km 126 da BR 135, no município de Miranda do Norte, o novo posto de combustível terá a Bandeira BR e ocupará 3.510m² dentro de uma área total de 21.000m². O novo empreendimento colocará à disposição da clientela onze lojas, restaurante, lanchonete, troca de óleo, borracharia, lavagem, banheiros públicos (inclusive para portadores de deficiências), berçário, chafariz, playground, quiosque, conveniência e amplo estacionamento.

O posto LUIZA IV objetiva assim bem atender sua clientela, através de 20 bicos que fornecerão gasolina comum, aditivada, etanol, diesel e lubrificantes de qualidade PETROBRAS, aos menores preços de mercado.







# PASSA FOGO

**Atração maior do Bumba-boi vianense, o folguedo incendeia literalmente a cidade**

JOSÉ VENTURA FURTADO/LUIZ ALEXANDRE

**A** cada ano a farra do Passa Fogo ganha maior brilho e destaque em Viana, atraindo adeptos e curiosos de vários outros municípios maranhenses, inclusive da capital, São Luís. A farra realiza-se sempre à meia-noite do dia 28 de junho, véspera de São Pedro.

Na versão 2011, o desfile do boi sob o fogo cruzado de centenas de carretilhas contou com a cooperação da Cemar no desligamento de parte da iluminação das ruas Antônio Lopes e Dom Hamleto de Angelis, a fim de que o show dos fogos de artifício pudesse ser melhor visualizado. Outra iniciativa interessante foi a colocação de tonéis cheios d'água em cada esquina do itinerário da passagem do cortejo, visando facilitar o trabalho dos ajudantes encarregados de molhar o boi, durante o trajeto.

Como toda brincadeira em louvor a São João, o folguedo é antecedido pelo ritual da reza em frente ao altar montado na residência da família Oliveira. Depois das orações e ladainhas puxadas pelo Sr. José Soeiro, o lombo bordado de canutilhos e miçangas do boi é retirado para que ele receba o primeiro banho, antes de dirigir-se à concentração na Praça de São Benedito.

À frente da organização, o popular Zé de Betrone (José Alves de Oliveira), incansável batalhador pela continuidade dessa tradição centenária que faz a diferença do São João vianense. Zé consegue alguns pequenos patrocínios junto ao comércio local e conta também com o auxílio de alguns entusiastas do folguedo, como César Furtado (leia-se César de Dico de Estefânia), que este ano viajou de carro até Salvador (BA), para adquirir 250 dúzias de carretilhas. O restante da munição (200 dúzias) veio da vizinha São Bento, pois desde o falecimento do único artesão local de fogos de artifício, lamentavelmente, não apareceu mais ninguém em Viana interessado no ofício.

Mesmo com tantas dificuldades, a antiga farra consegue manter-se viva e arrastar centenas de brincantes em seu desfile anual pelas ruas da cidade. Ao som forte dos tambores-onças, marcações, tarois e matracas, a multidão se agita e



**Zé Serejo e Zé de Betrone: dois entusiastas do bumba-boi vianense. O primeiro promove um arraial junino nos fundos de sua residência e o segundo é o organizador do tradicional Passa Fogo**

solta o tradicional grito de guerra: "Passa fogo, passa fogo, passa fogo!"

Este ano o evento contou com a cobertura da TV Mirante (afiliada da Globo) e com a presença da Secretária Adjunta de Estado da Cultura, Marlilde Mendonça, que se deslocou a Viana especialmente para prestigiar essa autêntica manifestação folclórica de sua terra natal.

**Tradição centenária** – Não se tem registro oficial da data exata do início da brincadeira, mas estima-se que ocorra há pelo menos 150 anos. O médico vianense Salvio Mendonça, nascido em 1892, relata em seu livro autobiográfico que, quando adolescente (1906 a 1911), participava da farra que já era tradicional em Viana por esse tempo.

Segundo a memória oral, a brincadeira teve origem na tentativa de alguns moradores da Rua da Ponta de roubar um boi do pessoal do Moquiço, que se apresentava na Praça da Matriz. Como naquele tempo, no mês de junho, parte das ruas Castro Maia e Coronel Campelo ainda ficava intratável pelo transbordamento do lago, restava a Rua Grande como passagem obrigatória do boi no retorno a seu bairro de origem.

Dessa maneira, munida de forte arsenal de bombas, buscapés e carretilhas, a turma da Ponta postou-se no famoso Canto Grande (cruzamento das ruas Grande e Cônego Hemetério) à espera da passagem do cortejo. O plano era pegar o grupo de surpresa e afugentar os brincantes com o ataque repentino dos fogos, para assim se apoderarem do boi. O assalto, porém, foi frustrado pela valentia dos vaqueiros do Moquiço que souberam resistir ao fogo cruzado e não abandonaram o boi, conforme o esperado.

No final, todos gostaram da explosão dos fogos que passou a ser repetida nos anos posteriores não mais como tentativa de tomar o boi, mas sim de entreter e divertir a população. A brincadeira pegou de tal modo que em tempos passados, para bem pagar sua promessa, todo boi tinha que enfrentar a cortina de fogo, a fim de provar a coragem e resistência de seus vaqueiros.



# SERRA-VELHOS

Com muito humor e malícia, a brincadeira atazanava os idosos vianenses do passado

Carlos Nina Everton Cutrim

Na Baixada Maranhense, o dia 19 de março, além de consagrado a São José, era também dedicado a um evento conhecido como “serra-velhos”, brincadeira de origem portuguesa na qual um grupo de pessoas, durante a madrugada, ia até a casa do escolhido para ser serrado, e com um palavreado nada agradável, simulava o inventário dos bens impréstáveis a serem distribuídos aos herdeiros daquele indivíduo.

O ato desenvolvia-se da seguinte maneira: depois de ser declarado morto pelos serradores, e ainda em meio ao choro dos familiares (interpretados pelos acompanhantes do grupo), era feita então a partilha dos objetos pessoais deixados pelo inventariado. A discriminação da herança e seus respectivos herdeiros era a parte mais cômica da brincadeira.

No silêncio da noite, um serrote e uma lata de querosene eram imprescindíveis para propiciar o som funesto que servia de fundo para a leitura do testamento. Enquanto alguém ia serrando a lata, o líder do grupo fazia a leitura do testamento em voz alta. A lista dos tais “bens”, impreterivelmente, incluía dentaduras, penicos, cachimbos, redes furadas, ceroulas (espécie de cueções usados pelos homens no passado) e por aí a fora. Entre os herdeiros figuravam não apenas os parentes da “vítima”, mas também os seus desafetos.

Em Viana, essa macabra brincadeira fez parte do folclore local durante muitos anos. Na arte de serrar velhos, naquele tempo, sobressaíam-se Dico de Estefânia, Zé Marrequeiro, Jaspe e Zé Bace-lar. Quatro exímios serradores que, acompanhados por um séquito de apreciadores da brincadeira, saíam pelas ruas a fazer o inventário dos velhos mais rabugentos da cidade. Bastava chegar a noite do dia de São José e o teatro de rua se repetia, apenas variando as pessoas escolhidas para serem serradas.

Naturalmente, a maioria dos escolhidos não acatava com bom humor o fato de se tornar motivo de pilhéria pública. Apenas o cidadão conhecido como João Carteiro, aposentado dos Correios e Telégrafos, mostrava-se simpático com a gozação. Era o único que, depois de “serrado”, costumava abrir a porta de sua casa e oferecer café com bolo de tapioca e outras iguarias aos seus algozes fictícios.

**Domingos Português** – Alguns episódios referentes ao serra-velhos marcariam a memória coletiva vianense como foi o caso do então conhecido cidadão Domingos Português.

Era eu bem criança quando o conheci como dono de um comércio que ficava numa esquina



ILUSTRAÇÃO: GUILHERME

da Rua Grande, em frente à Praça da Prefeitura. Dizia ser natural de Portugal, daí o cognome de Domingos Português. Contava ele que aos 11 anos de idade veio com uma família portuguesa para o Maranhão e nunca mais voltou à sua terra natal. Primeiramente fixou residência no Aquiri, município de Matinha, onde desenvolveu a atividade no ramo do comércio e se casou com dona Eulália, com quem teve quatro filhos: João, Maria Antonia, Dadica e Rosário. Do Aquiri, depois do comércio consolidado, mas visando melhor exploração na mesma atividade, mudou-se para o povoado Piraí, também município de Matinha. Finalmente transferiu-se para Viana, cidade na qual teria oportunidade de desenvolver seus negócios com maior sucesso.

Seu Domingos era introvertido, caladão. Era um homem respeitadado e respeitoso. Caminhava pelas ruas de cabeça baixa e raramente cumprimentava as pessoas. Com um padrão de vida razoável pertencia à classe alta da sociedade vianense. Tinha uma família bem estruturada. Os filhos, ao contrário do pai, eram jovens extrovertidos, comunicativos e cordiais que, por essas qualidades, conquistavam muitas amizades e enchiam a cidade de alegrias.

Naquele tempo, Viana tinha uma população pequena e por isso todo e qualquer evento atrativo era bem explorado e apreciado por todos, ou melhor, por quase todos...

**A serração do Domingos Português** – Assim, num certo 19 de março desses tempos idos, depois de serrarem João Carteiro e serem bem obsequiados, seguiram para a casa de Seu Neco,

outro velho que tinha duas filhas mais feias que pane de avião em pleno vô. Depois de “matarem” seu Neco, começou a divisão da herança impréstável. Dico de Estefânia, mais afinado na condução daquela brincadeira, era quem começava a partilhar os bens. Daí pra frente, a partilha se estendia com a participação dos outros serradores. No calor do inventário, Seu Dico, reportando-se às duas filhas do Seu Neco, perguntava: “quem vai ficar com os dois camburões de sena?” E os acompanhantes respondiam em coro. “Eu não! eu não!” Consumada a serração do Seu Neco, o grupo seguiu para a casa de Domingos Português, pois seria ele a próxima vítima.

A cidade, naquela época, não possuía energia elétrica, e o céu daquela noite estava carregado de nuvens escuras, dificultando a visibilidade dos serradores, mas a língua de Seu Dico, de Zé Marrequeiro, de Jaspe e de Zé Bace-lar estavam mais negras que o negrume da noite. E então foi iniciada a insolente sessão de serrar o Domingos Português.

No momento que faziam a cômica divisão dos bens ouviram um corre-corre dentro da casa do serrado. De repente, a janela foi aberta e o velho apareceu com um revólver 38 na mão, abraçado pelas filhas que lhe pediam para não fazer aquilo. Sem atender a qualquer pedido, seu Domingos disparou três tiros para cima, fazendo com que serradores e acompanhantes saíssem em desabalada carreira, com exceção de Seu Dico, que atrás de um poste, observava toda aquela confusão para contá-la no dia seguinte, recheada de farta criatividade humorística.

**Nota da redação:** Originalmente trazida pelos portugueses com o nome “Serração ou Serra da Velha”, a tradição se espalhou por diversas regiões brasileiras, notadamente no Norte e Nordeste. Diferentemente de Viana, na maioria das cidades a serração acontecia durante a Páscoa, na noite da chamada quarta-feira de Trevas.

Em nossa cidade, a brincadeira também era conhecida como Serra-velha.

## ASSINATURA ANUAL DO RENASCER

Para se tornar assinante deste periódico, basta depositar o valor de R\$ 40,00 (quarenta reais) na conta corrente da AVL, no Banco do Brasil.

**Nº da conta: 13.365 – 5**  
**Nº da agência: 2972 – 6**

Depois envie uma mensagem para **luiz.raposo@uol.com.br** comunicando a data do depósito, o nome e o endereço completos do depositante (sem esquecer o Cep).

Dessa maneira, seu exemplar será enviado, trimestralmente, via correio.

Aos já assinantes que desejem **renovar a assinatura**, o processo é o mesmo. Não esqueça, porém, de passar a mensagem comunicando a data do depósito.

No ato da renovação, não é necessário comunicar o endereço do depositante (a não ser que tenha havido alguma mudança).

## O RENASCER VIANENSE



Diretor/Redator: Luiz Alexandre Raposo  
(Reg. 0000821-MA)

e-mail: [luiz.raposo@uol.com.br](mailto:luiz.raposo@uol.com.br)

Endereço: Rua Antônio Lopes, 459,  
Viana – MA CEP: 65.215-000